

MIGRAÇÃO RADICAL

O único registro da presença de rolinha fogo-apagou (*scardaphella squamata squamata*) em nossas montanhas, encontramos no trabalho de Moisés Kuhlmann e Eduardo Kuhn, publicado em 1947, denominado "A Flora do Distrito de Ibiti", estudo que envolveu a vegetação que reveste o pico da Serra Negra e adjacências.

Às páginas 152 e 184 do documento, os autores citam exemplares da espécie, colecionados no local pelo Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo que tiveram como refeição, sementes de "amarantus viridis" – o caruru – e "solanum"- o joá da roça, abundantes na região.

Durante a década de 50 e até meados da década de 60, esta pombinhas graciosas, dóceis, elegantes, povoaram nossas hortas, pomares, roças e jardins.

De plumagem perfeita, em carijó alvi-negro lembrando mais escamas que penas a recobri-lhes o corpo todo, com algumas retrizes brancas na cauda, as avezinhas, de bico cerrado, emitem um canto característico que só com três notas, anunciam com clareza, o nome pelo qual são vulgarmente conhecidas: "fogo-apagou".

Entretanto, a denominação recebida em algumas partes do Brasil, de "rola-cascavel", advém, segundo Helmut Sick, do barulho achocalhado que produzem ao alçar vôo pois é idêntico ao dos guizos do temido réptil (Ornitologia Brasileira, pag. 348).

Interessante é que antes mesmo da chegada da capina química aqui em Serra Negra, Estado de São Paulo, estas pombinhas foram desaparecendo e, nestes últimos trintas anos, de

uma sondagem realizada por todos os cantos do Município, concluímos que não vive, às soltas, um exemplar se quer, entre nossas fronteiras.

No final de 1999, conseguimos um casal-matriz, para tentar uma criação em cativo com o objetivo principal de, aos poucos, repovoar nossas hortas e jardins fazendo também com que as gerações destas últimas três décadas passassem a conhecer pombinhas tão meigas e delicadas.

Após algumas posturas, sem êxito, na primavera do ano 2000, nasceram os dois primeiros filhotes.

Observando-os, em cativo, pudemos registrar algumas particularidades que até então, se conhecidas, não foram divulgadas.

O sexo da espécie, por exemplo, pode ser distinguido à distância, apenas pela emissão do canto.

A fêmea repete as notas de duas a três vezes seguidas enquanto o macho, chega a emitir até mais de vinte vezes os trissílabos: "u-gú-gú" que ecoa ao longe, perfeitamente: "fogo-apagou", "fogo-apagou"...

Quanto ao ninho, o que lhes falta em capricho para aprontar o berço dos filhotes pois uns poucos gravetos bastam, sobra-lhes em arte, arte e malabarismo para não deixar que os ovos venham ao chão durante o choco.

A postura é de dois ovos. Ovos branquinhos, sem uma pinta e a incubação ocupa-lhes o tempo de 13 a 14 dias. Macho e fêmea, revezando-se nos cuidados de manter a temperatura desejada e às vezes os dois, lado a lado sobre os ovos, espremendo-se em tão pouco espaço.

Os filhotes só abandonam o ninho depois da plumagem estar perfeita mas mesmo assim, dependem por alguns dias da atenção dos pais, na busca de alimentos.

Curiosa a maneira do filhote expressar que é chegada a hora da refeição: aproximando-se de um dos membros do casal, silenciosamente, levanta uma das asas e acaricia o responsável por saciar-lhe a fome, envolvendo-o como que num "maroto" abraço. O gesto é suficiente para que o pai ou a mãe apresse-se em colocar-lhe no bico o alimento previamente engolido e que



